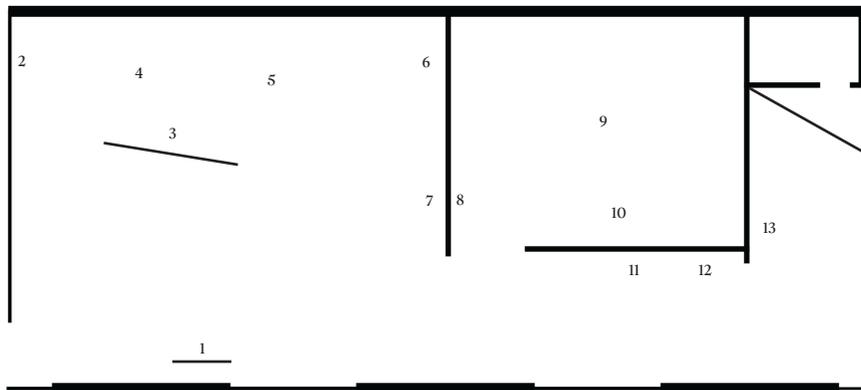


CAAA 11.11.23 — 13.01.24



CASTING A
S O U N D I N G
VOICE

Exposição Isabel Carvalho
Curadoria Paula Parente Pinto



1. *Arder a Palavra – e Outros Incêndios*

Tapeçaria em ponto de Beiriz
1.70X2.40cm
2023

2. *Earthseed*

Gesso pintado
40x35x10cm
2023

3. *Casting a Sounding Voice – Undercurrents Chorus*

Bronze pintado
Dimensões variáveis
2023

4. *Blossoming worldlink*

Gesso e argila
96x65cm
2022

5. *Blossoming worldlink I*

Gesso e argila
80x56cm
2022

6. *Casting a Sounding Voice – Resonance Necklace*

Bronze
38x20cm
2023

7. *Casting a Sounding Voice – Minored Throats 1:1*

Scale Effort a)
Bronze pintado
18x10cm aprox.
2023

8. *Casting a Sounding Voice – Minored Throats 1:1*

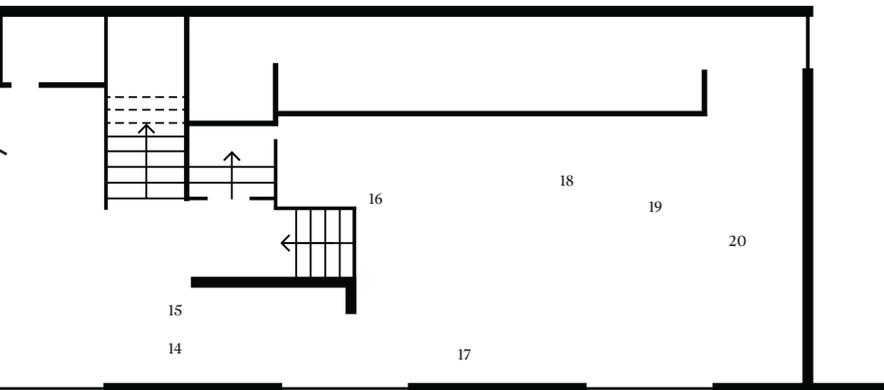
Scale Effort b)
Bronze pintado
14x16cm aprox.
2023

9. *Casting a Sounding Voice – Mining Headframes for Heavy Metal Obsession*

Bronze
a.74x20cm b.73x20cm
2023

10. *Outros Incêndios. Arde a Palavra I*

Spray acrílico sobre papel
50X65cm
2023



11. *Outros Incêndios. Arde a Palavra IV*

Spray acrílico sobre papel
50X70cm
2023

12. *Outros Incêndios. Arde a Palavra V*

Spray acrílico sobre papel
50X70cm
2023

13. *(e) Fonte*

Spray acrílico sobre papel
70X100cm
2023

14. *Outros Incêndios. Arde a Palavra II*

Spray acrílico sobre papel
50X65cm
2023

15. *Outros Incêndios. Arde a Palavra III*

Spray acrílico sobre papel
50X70cm
2023

16. *Do Teatro das Plantas A*

Gesso
105x28cm
2022

17. *Do Teatro das Plantas B*

Gesso
105x60cm
2022

18. *Do Teatro das Plantas C*

Gesso
90x55cm
2022

19. *Do Teatro das Plantas D*

Gesso
62x40cm
2022

20. *O Teatro das Plantas (video)*

Vídeo 60'

A partir da performance "O Teatro das Plantas", apresentada pela primeira vez no Ciclo de programação performativa em celebração da artista Aurélia de Souza, De Corpo Presente, no Museu Nacional Soares dos Reis (Porto, 2023) | Isabel Carvalho: imagem, texto e voz; João Leonardo: conceito sonoro; Ana Amorim: montagem vídeo; Inês Lamares / Cabriolet Music Studio: gravação e edição áudio; Juliana Julieta: legendagem
2023

Casting a Sounding Voice, a exposição que Isabel Carvalho inaugura no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura (CAAA), em Guimarães, apresenta uma série de peças originais que expandem a sua investigação sobre a voz entendida enquanto ampla matéria de comunicação, e propõe trabalhar sobre o desenvolvimento de vozes inclusivas e participativas, enraizadas em corpos dissidentes. Ver através da escuta, procurar uma percepção do mundo a partir de um lugar de estranhamento, anuncia uma nova possibilidade de sentir. Isabel Carvalho propõe o cruzamento dos sentidos, relacionando a sonoridade com a visualidade, afirmando a voz como identidade paradoxal: singular, plural e inclusiva.

A inclusão da série original de peças em bronze que dão nome à exposição – *CASTING A SOUNDING VOICE* (2023) – numa mostra maior, onde se incluem igualmente novas pinturas realizadas durante o verão na residência *Performing the Archive* e uma tapeçaria da série *Arder a palavra – e outros incêndios* (2023), pensada a partir do livro com o mesmo título e o vídeo *O Teatro das Plantas* (2023) apresentado numa performance no Museu Nacional Soares dos Reis, afirma uma investigação que se prolonga desde 2019, articulando teorias e práticas artísticas em torno da fisiologia da voz comum a todos os seres vivos e se interessa por debater normas estéticas e éticas.

Entre as obras presentes, as “gargantas expostas” com o título *Casting a Sounding Voice – Mining Headframes for Heavy Metal Obsession* assumem uma forma relacionada com a fisiologia da voz, tornando visível a coincidência da palavra tocar, entre o sentir de uma textura (toque) e o som que ela nos devolve. Assente numa metodologia interseccional e intermedial, Isabel Carvalho parte de um pressuposto sobre a legitimidade do sujeito que fala – porque faz uso da voz –, sugerindo que a possibilidade de alcançar uma estrutura social, cultural ou política diferenciada, depende da visibilidade da voz.

Herdeira da era da industrialização, do extractivismo fóssil e da exploração dos recursos naturais, a voz humana foi-se legitimando numa proporção inversa à do silenciamento da natureza. A presente exposição alude a um entendimento da voz (que se quer ver e ouvir publicamente) como uma expressão da diferença e que expressa uma certa irredutibilidade face à norma. Ostentando uma alteridade radical, esta perspectiva sobre a voz manifesta-se afirmativa, inclusiva e convidativa de outras formas de expressão. Num momento de profundas transformações dos corpos, de pública contestação, de vozes que se manifestam por diferentes identidades e direitos, é fundamental identificar e desconstruir sistemas relacionados com a construção de vozes normativas, que continuam a legitimar estruturas de poder e opressão.

Casting a Sounding Voice

Em *Casting a Sounding Voice* é explorada a relação entre a voz, o toque e a sua marca visível, com um foco especial na voz humana enquanto integrada na “voz” dos materiais, ou da matéria. O título é o elemento central que une muitas das derivações semânticas aqui presentes. *Casting a Sounding Voice* abrange a voz no seu sentido amplo, como som emitido com o propósito de comunicação ou de estar em contacto, desdobra-se na impressão de som na expressão audível e ao de tradução sonora na moldagem de matrizes a serem fundidas em peças metálicas. A premissa subjacente é revelar como o toque contínuo, enquanto forma de contacto que existe em toda a matéria, emite sons, vozes plurais, que variam em termos de perceção, tanto sonora, como visual e tátil. Estas peças podem ser enquadradas numa intenção de “descolonização da audição”, como parte de um processo de descolonização cultural – processo que implica a ampliação do nosso reconhecimento da diversidade sonora e vocal, bem como um ajuste perceptivo que permita uma audição particular, muito atenta, consciente e ética. Através deste propósito, questionam-se quais as vozes e quais as sonoridades que foram historicamente subalternizadas e marginalizadas, assim como quem ou o que foi silenciado, e quais, por sua vez, foram as “vozes” autorizadas a ressoar. A escolha do bronze, um material extraído do solo, é simbólica e representa a memória, não apenas da humanidade, mas também da Terra, anterior à presença humana. O bronze foi o material eleito para destacar a herança que recebemos da era da industrialização, na qual a visão mecânica do mundo prevaleceu. Foi nessa visão mecanicista que se alicerçou a exploração mais intensiva dos recursos naturais, dividindo o mundo entre natureza e cultura, com a natureza sendo vista como inerte, passiva e silenciada para servir a cultura humana. O bronze nestas peças não é uma esco-

lha somente estética que poderia passar pela fetichização do seu valor enquanto material nobre, mas também uma representação simbólica desse contexto histórico e da crítica à cultura extrativista, que se aplica não apenas às matérias-primas usadas na energia (quer fóssil, quer dita “limpa”), mas também extensível aos nossos corpos num sistema capitalista.

Arder a palavra – e outros incêndios

Nesta peça têxtil, a “voz” de Ana Luísa Amaral (1956–2022), poetisa, feminista e teórica queer, é enunciada enquanto ainda audível e ressonante, quer nos arquivos da rádio Antena 2 – no programa que mantinha intitulado *O Som que os Versos Fazem ao Abrir*, cuja abertura incluía a recitação do poema da norte-americana Emily Dickinson: “Se leio um livro e ele torna o meu corpo tão frio/ Que nenhum fogo o pode aquecer/ Sei que isso é poesia” – quer através dos seus ensaios, especialmente nos que se encontram no livro *Arder a Palavra – e outros incêndios*. Neste livro, Ana Luísa Amaral explora a presença do corpo na literatura, usando o fogo como um símbolo de desejo de contacto, como se por detrás de toda a literatura houvesse sempre um corpo que procura outros. Assim, se nestes ensaios a autora reflete sobre as materialidades, a presença e o desaparecimento, o real e o imaginário, o fogo aparece também como elemento disruptivo e instaurador de mudança, marcando uma viragem nos paradigmas estruturais, para albergar perspectivas corporalizadas, assentes nas sensações, emoções e de cariz fisiológico. A escolha de uma técnica têxtil tradicional da zona de Beiriz, patente na realização do “quadro-tapete”, serve para realçar o cruzamento etimológico da palavra têxtil com texto, traduzindo a voz que se expressa e se afirma na escrita numa nova visualidade.

O Teatro das Plantas

As micronarrativas de *O Teatro das Plantas* partem de dados biográficos de Aurélia de Souza e de observações e recomendações ficcionalmente trocadas, ao longo de extensas gerações, entre mães e filhas, entre irmãs, e entre filhas que passam a ser “mães”, num teatro familiar de cuidados mútuos, recriado além do parentesco linear. No conjunto, ter-se-á procurado dar espaço de representação literária ao que é comumente tido como insignificante (com pouco ou de desvalorizado significado), registrando-se a familiaridade dos gestos trocados e as relações de cumplicidade estabelecidas entre humanos e os animais, as plantas, o mar e o rio, e desta forma complexificando o sentido de coexistência. Em contraste com a brevidade do que é ouvido, imagens de um painel cerâmico, feito do composto de vários jardins da cidade do Porto, são projetadas a um ritmo vagaroso, interrompendo expectativas da experiência de tempo comum e retendo a atenção no instante. Para esta composição, Kali/João Leonardo/PASSARUMACACO criou um ambiente sonoro, estruturado a partir dos elementos naturais implícitos nas narrativas.

O projeto *O Teatro das Plantas*, apresentado publicamente em 2023 – inicialmente como uma performance em fevereiro, no Museu Nacional

de Soares dos Reis e posteriormente em formato de vídeo em julho durante a residência no espaço *Performing the Archive* – evoluiu através de um processo de exploração da própria voz da artista. Esta exploração envolveu repetidos ensaios até à exaustão, realizados num ambiente de estúdio. O projeto expandiu-se para analisar a complexa relação de se ser, num primeiro momento, simultaneamente o emissor e o recetor da voz, reconhecendo características particulares, padrões e imperfeições nessa voz, e possivelmente até um certo encanto, com o propósito de a moldar e torná-la adequada à expressão pública. Esse fenómeno de estranhamento, causado pelo desfasamento entre a voz interna, que é conduzida no interior do corpo pelos tecidos moles e pelos ossos, e a voz já exteriorizada, fora do corpo, foi explorado com o auxílio de equipamentos de gravação vocal. Além disso, a voz escrita também se entrelaça aqui com a redação de uma série de breves histórias interconectadas que evocam o jardim retratado na pintura intitulada *À Sombra* (s.d.), da artista Aurélia de Souza. Nesta terceira apresentação de *O Teatro das Plantas*, também foi incluída a tradução para a língua inglesa, que representou por si só um notável desafio, juntamente com uma série de esculturas em gesso. Estas esculturas foram criadas com base em estímulos retirados das narrativas recitadas.

ISABEL CARVALHO

O seu percurso artístico caracteriza-se por uma forte componente experimental, sustenta-se na investigação, principalmente no domínio da filosofia e da literatura, e desenvolve-se no cruzamento das artes com as ciências e o conhecimento especulativo. Nos seus projetos aborda recorrentemente questões relativas à materialidade subjacente à linguagem e extensíveis às formas expressivas não-verbais, procurando sensibilizar e desejando poder contribuir para a preservação de ecossistemas de socialização diversificados e, por consequência, inclusivos, povoados por humanos e não humanos. O seu trabalho tem-se desenvolvido na íntima articulação entre as artes visuais, a escrita, a edição e a publicação de livros, grupo de expressões ou meios que, ao longo dos últimos anos, tem vindo a expandir para a escultura e a ocupação do espaço tridimensional. Expõe individual e coletivamente com regularidade, destacando-se, entre as mais recentes apresentações, as seguintes: Langages Tissés, Centre d'Arte Le Lait (Albi), em França e AR(a)C(hné)-EN-CIEL, Galeria Quadrado Azul (Lisboa), Strange Attractor, Pavilhão Branco (Lisboa) e Pés de barro, Galeria Municipal do Porto (Porto), em Portugal. Fez residências artísticas na Kunsterhaus Bethanien, Berlim, Alemanha; Hangar, Barcelona, Espanha e Maaretta Jaukkuri Foundation, Lofoten, Noruega. Está representada em várias coleções públicas. Foi responsável pelo projeto Navio Vazio, um espaço de ocupação temporária de experimentação editorial a três dimensões. Em 2017, iniciou a revista Leonorana, da qual é autora e editora.

MIKHAIL KARIKIS

Mikhail Karikis é um artista de origem Greco-Britânica que vive em Lisboa. Trabalha com imagem em movimento, som, performance e outros media. A sua obra é exposta em bienais de arte, museus e festivais internacionais de filme, incluindo a Bienal de Veneza 2011, Manifesta 2012, Bienal de Sydney 2014, Bienal de Kochi Muziris 2016, Bienal de Riga 2020, Bienal de Mardin 2022. Desenvolve projectos socialmente comprometidos, que se focam na conexão humana com a justiça social e ambiental, através de colaborações com comunidades distantes dos circuitos da arte contemporânea. O seu último projecto, *The Last Concert*, está actualmente presente na Triennale de Saitama, no Japão.

MARUAN SIPERT

Maruan Sipert é um performer/bailarino contemporâneo que vive em Lisboa. Trabalha com performance, teatro e as suas instalações exploram a criação de imagens através da interação entre corpo, objectos e espaço. As suas colaborações com coreógrafos foram apresentadas em teatros e festivais mundiais, incluindo a Bienal SESC em Sao Paulo, Theatre Chaillot em Paris, e Theater Spektakel em Zurique. Actualmente é artista residente no Palácio Grilo em Lisboa, na companhia www.performanceart.net.

PAULA PARENTE PINTO

Formada em Artes Plásticas-Escultura pela Faculdade de Belas Artes na Universidade do Porto (1998), obteve o grau de Mestre em Cultura Urbana atribuído pela Universidade Politécnica da Catalunha (2004) e concluiu o Doutoramento em Estudos Visuais e Culturais na Universidade de Rochester, Nova Iorque (2016). Trabalha sobre cruzamentos disciplinares entre a dança, fotografias, artes plásticas, cinema/vídeo e performance, interessando-se particularmente por arquivos de artistas, críticos de arte e instituições culturais.

É curadora independente desde 2010 e publicou vários livros.

Em 2021 recebeu apoio da DGArtes para o Programa em Parceria - Arquivos de Dança, Teatro e Cruzamento Disciplinar 2021. Nesse âmbito constituiu o projeto online performingthearchive.com.

6ª FEIRA 08/12/2023

15:00H — 16:30H

VÍDEOS (Duração 90')

Mikhail Karikis

Vozes, Comunidades, Ecologias

16:45H — 18:00H

CONVERSA

Rosa Alice Branco, Isabel Carvalho,

Raquel Castro, Mikhail Karikis e

Maruan Sipert

Moderação: Paula Parente Pinto

18:15H — 18:45H

ENSAIO ABERTO

DE PERFORMANCE

Mikhail Karikis + Maruan Sipert

soundings

SÁBADO 09/12/2023

16:00 — 17:30H

VÍDEOS

Mikhail Karikis

Vozes, Comunidades, Ecologias

17:45H — 18:30H

PERFORMANCE

Mikhail Karikis e Maruan Sipert

soundings

Duração 45'

11/11/2023 — 13/01/2024

EXPOSIÇÃO

Isabel Carvalho

Casting a Sounding Voice

CASTING A SOUNDING VOICE
ISABEL CARVALHO

Curadoria

Paula Parente Pinto

Produção

Paula Parente Pinto
Maria Luís Neiva

Montagem

Maria Luís Neiva
Igor Gonçalves
Diogo Costa
Paula Parente Pinto

Textos

Isabel Carvalho
Paula Parente Pinto

Design

Ana Clara Luz

Design de equipamento

Joana Pereira
Paula Parente Pinto

Acrílicos

Acrílicos PAF

Carpintaria

Rui Abibe

Serralharia

Liliana Ferreira

Tapeçaria

Fábrica Beiriz

Agradecimentos

Performing the Archive
Susana Silva Silva
Renato Silva